

O QUE ACONTECE EM ENCONTROS DE ORIENTAÇÃO DE PESQUISA QUE REÚNE UM PROFESSOR ECONOMISTA E ESTUDANTES DE ENGENHARIA AGRONÔMICA, PEDAGOGIA E SERVIÇO SOCIAL? UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA ENREDADA POR CULTURAS

WHAT HAPPENS IN RESEARCH GUIDANCE MEETINGS THAT BRING TOGETHER AN ECONOMIST PROFESSOR AND STUDENTS OF AGRICULTURAL ENGINEERING, PEDAGOGY AND SOCIAL WORK? AN ACADEMIC EXPERIENCE ENTANGLED BY CULTURES

Ana Luíza Araújo Rangel Nagliate **1**
Maria Izabel Rodrigues **2**
Mariana Garcia Martins **3**
John Max Santos Sales **4**

Resumo: Este texto versa sobre experiência de estudantes de iniciação científica e a prática de pesquisa acadêmica, enredadas pelo sentido de cultura. Propõe-se refletir sobre a produção coletiva de conhecimento por meio de estudantes de graduação que pertencem a áreas distintas de conhecimento (Engenharia Agrônômica, Pedagogia e Serviço Social) e que também são orientadas por professor de área diferente das mesmas (Economia). A metodologia envolveu provocação de escrita em primeira pessoa e engajada por comandos disparadores delineados pelo orientador. Como resultado, percebeu-se algo que supera a esfera acadêmica, evidenciando o exercício contemplativo e emancipador que a pesquisa proporciona. Além disso, as vivências e evidências apontam para um processo de produção de conhecimento mais rico e plural, com impactos dentro e fora do ambiente universitário. Isso mostra que a reunião de áreas diferentes pode até gerar um estranhamento inicial, mas também produz um efeito valioso ao quebrar práticas academicistas compartimentadas.

Palavras-chave: Iniciação científica. Experiência. Cultura.

Abstract: This text discusses the experiences of undergraduate students and the practice of academic research, entangled by the sense of culture. It proposes to reflect on the collective production of knowledge by undergraduate students who belong to different areas of knowledge (Agricultural Engineering, Pedagogy and Social Service) and who are also advised by a professor from a different area (Economics). The methodology involved first-person writing prompts and engagement through trigger commands outlined by the advisor. As a result, something was perceived that goes beyond the academic sphere, evidencing the contemplative and emancipatory exercise that research provides. In addition, the experiences and evidence point to a richer and more plural process of knowledge production, with impacts inside and outside the university environment. This shows that the gathering of different areas may even generate initial estrangement, but it also produces a valuable effect by breaking down compartmentalized academic practices.

Keywords: Scientific initiation. Experience. Culture.

- 1** Estudante de Serviço Social e pesquisadora de iniciação científica Unitins/Fapt. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4862262814456835>. E-mail: anaaraujo@unitins.br
- 2** Estudante de Pedagogia e pesquisadora de iniciação científica Unitins/CNPq. E-mail: izabelrodrigues@unitins.br
- 3** Estudante de Engenharia Agrônômica e pesquisadora de iniciação científica Unitins/Fapt. E-mail: marianagarcia@unitins.br
- 4** Docente da Unitins e Professor orientador. Economista (UFS), Tecnólogo em Saneamento Ambiental (IFS), Mestre (UFRGS) e Doutor em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4162369765246274>. E-mail: john.ms@unitins.br

Introdução

O conceito de cultura se apresenta complexo, com mudanças de sentido no decorrer do tempo na esfera do (re)conhecimento científico, assim como também pelas variadas formas de apropriações dentre os grupos da sociedade. Nasce-se como expressão relativa ao cultivar, cuidar e ao culto e se desdobra, em linhas gerais num conjunto de práticas, valores, normas, saberes e tradições.

Na esfera dessa discussão, desponta o que comumente se chama de “cultura acadêmica”. A despeito desta terminologia, Pedrajas-Rejas, Rodríguez-Ponce e Labraña (2022), subscreve que o uso é amplo em estudos sobre educação em nível universitário, porém, há poucos estudos sobre o conceito em si. A partir da realização de uma revisão sistemática, a/os autora/es apontam que há um uso crescente do termo nos últimos 20 anos, mas sem uma definição evidente. O estudo mostra que existem 04 (quatro) direções sobre o uso: a) as transformações da economia política e dos valores tradicionais das instituições; b) intercâmbio de estudantes na esfera internacional; c) críticas sobre impactos da classe acadêmica dominante; e. d) as relações entre experiências e formas de organização.

Nesta direção, a cultura acadêmica se torna alvo de críticas. Dentre as variadas existentes, chama-se atenção da prática peculiar de compartimentar saberes, inclusive dentro do mesmo campo de conhecimento. Ainda que pesquisas sejam discursivamente apresentadas por uma suposta prática de união de saberes, percebe-se que a cultura acadêmica é fruto e fomento de um formato (des)organizado em que a produção e transmissão de conhecimento opera na construção e percepção segregada sobre fenômenos estudados. Diante disso, como efetivar práticas de pesquisa que considerem e conciliem a pluralidade de saberes aparentemente divergentes?

Esta indagação intenta ser respondida com este relato de experiência, apresentando a jornada de 03 (três) pesquisadoras de iniciação científica, da Universidade Estadual do Tocantins – Campus Palmas, contempladas com bolsa por meio dos editais n.º 001/ 2024 e 005/2024 (Ciclo 2024-2025). As estudantes pertencem a cursos de graduação, e correspondentes áreas de conhecimento, diferentes, como informa uma breve descrição no quadro 01.

Quadro 1. Informações sobre as bolsistas de iniciação científica.

Nome	Graduação	Área	Título do projeto	Edital/ Orgão de fomento
Maria Izabel Rodrigues	Pedagogia	Ciências Humanas	O que se (em)canta no estado do Tocantins? Um estudo sobre as características tocantinenses em versos de canções	001/2024 - CNPq
Ana Luíza Araújo Rangel Nagliate	Serviço Social	Ciências Sociais Aplicadas	ZEIS – Zonas especiais de interesse social ou zonas escusas de interesse segregacionista? O caso do direito à moradia na cidade de Palmas.	005/2024 - FAPT
Mariana Garcia Martins	Engenharia Agrônômica	Ciências Agrárias	Culturas agrícolas: para comer ou exportar? Um estudo sobre o avanço da produção de commodities no estado do Tocantins	005/2024 - FAPT

Fonte: Professor Orientador (2025)

Estamos diante de projetos que conferem três bases de análise cultural. Tomando o estado do Tocantins como centro de observação, reflete-se sobre culturas agrícolas, desvelando as relações de poder e os impactos gerados pela economia do agronegócio (Michelloti; Siqueira, 2019), assim como evidencia-se o (re)conhecimento de lugares, em suas amenidades e conflitos (Moreira; Hespanhol, 2008) através das manifestações musicais-cancioneiras da cultura popular. Já relação a cidade de Palmas, questiona-se as desigualdades urbanas por meio das experiências de planejamento urbano, oportunizando a chance de compreender os fracassos e os sucessos na cultura urbanística proeminente (Rolnik, 1994). Com isso, o manejo da ideia de cultura, junto da sua dinamicidade e flexibilidade, é enredado na concepção dos projetos, mantendo o discernimento e o rigor necessário para estabelecimento das interações.

Diante deste contexto, a finalidade deste trabalho é apresentar um encontro de breves relatos de experiências ocorridos na esfera da orientação de pesquisa de iniciação científica, compreendendo importante contribuição para o objetivo de desenvolvimento sustentável n.º 04, que versa sobre educação de qualidade. Para obtenção de tal, promove-se a relação entre a produção de conhecimento e os impactos a nível pessoal e coletivo, considerando tanto a esfera “intra” como “extra” universitária.

Metodologia

A metodologia para construção deste relato de experiência envolveu uma tarefa de provocar bolsistas de iniciação científica a realizar reflexões sobre as atividades inerentes aos projetos individuais, os encontros coletivos de orientação e o que este contexto provoca na interação com o mundo.

A partir disto, foi pedido para que as estudantes escrevessem separadamente sobre a experiência de participar dos projetos de pesquisa, levando em consideração que valorizassem a escrita em primeira pessoa e os seguintes comandos: *curiosidades sobre o aprendizado; dificuldades encontradas; mudanças de percepção no e sobre o mundo; autorreconhecimento; e, impressão sobre as pesquisas das outras participantes do grupo*. Neste sentido, a apreensão do referencial teórico de cada projeto de pesquisa se insere organicamente a partir desta orientação.

Deste modo, a seguir será exposto uma breve apresentação na íntegra o texto de cada estudante, como forma não só de valorizar a escrita de cada uma, mas também pela possibilidade perceber as singularidades, convergências e diferenças. Ademais, este tipo de organização permite realizar uma reflexão geral e integrada sobre o que se emerge dessa experiência individual e coletiva. O papel do orientador, neste relato de experiência, é de congregar as informações e apresentar uma experiência coletiva de aprendizados pelo olhar das estudantes participantes.

Relato de Mariana Garcia Martins

Fazer parte do grupo de pesquisa tem sido uma experiência muito rica e desafiadora. Como aluna do curso de Engenharia Agrônoma, entrei na pesquisa querendo entender melhor para que o Brasil planta: é para alimentar sua própria população ou para exportar e lucrar? E no meio desse caminho acabei aprendendo mais do que esperava.

Nas primeiras leituras percebi que o tema vai além do que eu esperava. Antes, eu via a agricultura apenas como uma questão técnica: escolher a cultura, plantar, cuidar e colher. Mas hoje vejo que cada escolha feita no campo está cheia de influências econômicas, sociais e políticas (Michelloti; Siqueira, 2019). Um exemplo foi descobrir que o Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, porém muitas famílias aqui passam fome.

Tive bastante dificuldade para entender e escrever, principalmente com palavras carregadas de conceitos que eu não estava acostumada. Porém, está sendo um processo de construção e aprendizado, no qual esses mesmos conceitos influenciam também na minha vida cotidiana. Um fato relevante em meu dia a dia é: quando vou ao supermercado ou faço uma refeição, penso de onde veio aquele alimento, quem plantou, em que condições e por que alguns são caros, mesmo

sendo produzidos em larga escala no nosso país. Comecei a enxergar a agricultura de um jeito mais consciente, percebendo que o que a gente come também influencia o mundo que me cerca.

É válido contar, também, que a pesquisa transformou meu jeito de pensar sobre alguns posicionamentos que eu antes achava que estavam certos. eu pensava que o neoliberalismo era bom porque dava liberdade para as pessoas, que a globalização era uma coisa positiva pra todos os países e que o agro era só progresso. Mas hoje, depois de estudar mais e discutir no grupo, vejo que não é bem assim. O neoliberalismo não traz liberdade de verdade, só ajuda as classes de alto poder econômico. Existe um lado da globalização que é uma piada! Um jeito dos países ricos tornarem os mais pobres submissos, destinados a somente exportar matérias-primas, bens de baixo valor agregado. E a mão-de-obra no campo, em vez de ser valorizada, é super explorada, muita gente trabalhando de forma exaustiva e ganhando pouco, sem direito nenhum.

Lembro de uma frase que o professor falou numa orientação e que ficou marcada: “Devemos estudar de forma profunda e consequentemente saberemos que o Agro não é pop, não é *tech* e não é tudo (informação verbal)”¹, ou seja, há também coisas ruins por trás da produção de culturas agrícolas.

Tenho aprendido muito também com as colegas de grupo. Nossas pesquisas interagem entre si e muitas vezes debatemos e acrescentamos críticas construtivas no momento de exposição de nossas pesquisas individuais. Maria Izabel, estudante de Pedagogia, expõe discussões sobre canções e sentimentos, me fazendo pensar sobre o início da nossa capital, Palmas, e sobre a experiência de cada pessoa em relação aos momentos vividos e embalados pelos sons. Já Ana Luíza, estudante de Serviço Social, trata das dificuldades da população menos favorecidas em centros urbanos, o que abriu meus olhos para a desigualdade no acesso à terra e aos recursos.

No final, percebi que a agricultura não é só produção, mas também envolve justiça social, direitos e escolhas que impactam muitas vidas. Isso reforça ainda mais meu desejo de seguir na pesquisa, com um olhar mais atento e humano.

Relato de Maria Izabel Rodrigues

Ao iniciar este projeto de iniciação científica, vivi grandes descobertas que despertaram minha curiosidade de diversas maneiras. Estudar sobre o nosso estado e a arte em geral, acompanhando sua trajetória, tem sido uma experiência enriquecedora. Ao explorar canções que retratam o nosso estado de forma tão bela, percebi a riqueza cultural que elas carregam. Além disso, refletir sobre o “sentido do lugar”, de acordo com Vieira e Magalhães (2019), me fez compreender que não se resume apenas ao espaço físico, mas também há significados emocionais e afetivos que nos conecta profundamente com nossa identidade e história.

No início, tive dificuldades em compreender os textos sobre o tema, mas busquei sempre auxílio e métodos que permitissem aprimorar meu conhecimento. Achei o projeto extremamente interessante, pois além de me proporcionar novas descobertas sobre o nosso estado, o conceito de “sentido de lugar” e a arte, também despertou em mim o interesse pela leitura. O próprio formato do projeto exige o hábito da leitura, o que, por sua vez, expande minha mente e facilita o processo de aprendizagem.

A pesquisa despertou em mim uma maneira admirável de olhar o mundo e o lugar onde vivo. Comecei a observar ao meu redor, nos lugares que frequento, com um olhar mais atento e admirado. Descobri que aqui, entre tantos outros, existem locais que se destacam pela beleza única que carregam. Ouvir canções que falam do nosso estado foi um momento revelador. Percebi que, embora os compositores sejam, também, de outros regiões, criaram canções maravilhosas sobre o nosso estado. Este trajeto faz com que eu compreenda que muitas vezes, nós, que vivemos aqui, não sabemos admirar a riqueza e a beleza que estão bem diante de nós.

Ao estudar o “sentido de lugar”, fui capaz de perceber a força dessa conexão com a minha família e o impacto emocional que os lugares provocam. As nossas raízes ficam eternizadas em nossas memórias, trazendo à tona o cheiro que só a casa da minha avó tem, o gosto do feijão que só ela sabe fazer, e que até hoje nunca consegui replicar. Lembro também do radinho que, todas as

1 Informação verbal: Comentário do professor orientador em momento de reunião de orientação.

noites, ouvíamos as notícias e as canções, tornando cada momento algo único e inesquecível. Esse estudo me faz entender ainda mais como as experiências e os lugares estão profundamente ligados às minhas raízes e identidade.

Em uma conversa com o nosso professor, debatemos sobre como o lugar deixa marcas profundas em nossas vidas. Foi emocionante pensar sobre a universidade, por exemplo, e refletir sobre como lembraremos dela daqui a 20 anos. Quantas histórias temos para contar sobre aquele lugar, sobre as vivências, as amizades que fizemos e todas as emoções que vivemos ali. Esse debate me fez perceber ainda mais como o “sentido do lugar” vai além do físico, é uma memória emocional que nos acompanha por toda a vida.

Durante o projeto percebi como os textos discutidos se conectam com minha própria experiência. As canções sobre o nosso estado também me tocaram, pois me senti representada nelas, refletindo sobre a beleza e a importância de nossa terra. Esse processo de reflexão me permitiu perceber como as experiências e os lugares estão profundamente ligados às minhas raízes e identidades, valorizando aspectos que antes passavam despercebidos.

Outro ponto que muito me encanta em participar da pesquisa é a troca constante de aprendizados e a forma coletiva com qual este processo acontece. Somos três alunas, cada uma com um tema diferente, o que tem tornado a experiência ainda mais rica e diversificada. A pesquisa de Mariana, estudante de Engenharia Agrônoma, tem me feito refletir sobre a nossa relação com a produção de alimentos e a complexidade do sistema de comercialização, principalmente ao pensar em como o processo de encarecimento nos preços dos alimentos. Já no caso da Ana, estudante de Serviço Social, o estudo sobre a colonização do Brasil me trouxe uma nova perspectiva sobre como as práticas coloniais ainda influenciam a sociedade brasileira contemporânea, e como essas influências reverberam em questões sociais atuais.

É fascinante ver como os diferentes campos de estudo se conectam e nos ajudam a compreender as complexidades do nosso país de maneiras que antes eu não imaginava. Essa troca de conhecimentos tem ampliado minha visão sobre o mundo e tem me incentivado a olhar além do meu próprio tema, enriquecendo o projeto como um todo.

Relato de Ana Luíza Araújo Rangel Nagliate

O projeto de iniciação científica juntamente ao grupo de pesquisa tem contribuído de diversas formas para a evolução do meu aprendizado. Tenho compreendido profundamente sobre o processo de formação do Brasil, como se deu a organização das primeiras cidades e a influência que esse processo de formação tem até os dias de hoje.

Aprendi sobre o que é a segregação socioespacial e que ela não se manifesta só de uma forma, a importância do Estatuto da Cidade, Plano diretor e especificamente sobre as ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) (Souza, 2010), dentre outros. São variados os contextos que conheci durante o processo da pesquisa e que nunca tinha tido contato. Percebo que esta experiência tem sido enriquecedora, desenvolvendo mais o meu senso crítico e a minha própria escrita, além de conectar o que tenho pesquisado com a realidade que me cerca.

Noto que diversas vezes ao ler sobre o direito à moradia, segregação socioespacial e o acesso à terra, observei e refleti como Boulos (2012). O autor diz que o problema da habitação no Brasil não se dá pela falta de quantidade de terrenos e imóveis desocupados, e esta problemática ainda é atual nas cidades brasileiras. Percebo também que apesar da Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Cidade oferecerem instrumentos para lidar com a problemática da habitação no Brasil, como a efetivação das ZEIS, essa realidade complexa continua.

Durante o processo também tive dificuldades na escrita, em entender o próprio conteúdo que para mim era muito novo, em usar as ferramentas tecnológicas. Mas consegui passar firmemente por todas essas dificuldades com persistência. Dos conteúdos, o que mais tive dificuldade em entender foi a parte mais teórica do direito, onde li bastante sobre direito à moradia. Porém, essa adversidade foi superada.

Ademais, minha percepção do espaço urbano mudou demasiadamente. Olho de forma mais crítica e com maior entendimento de que a organização da cidade tem um sentido e como a maioria

das vezes as ZEIS se encontram em locais afastados e que isso tem motivos, não é algo natural do espaço urbano. Minha visão sobre as pessoas em vulnerabilidade socioeconômica também mudou, pois todas as pessoas merecem e devem ter acesso a uma moradia digna. A habitação deve ser vista como um direito, e não como um favor ou caridade.

Sobre as pesquisas das minhas colegas, tenho achado as temáticas muito interessantes. A pesquisa da Maria Izabel me fez perceber durante as discussões como a arte é algo abstrato, e acho que justamente por ser algo tão abstrato que ela se insere facilmente em nossos ambientes e nas nossas vivências. A arte, em especial a arte musical, tem um papel fundamental para vida de cada ser humano, por meio dela podemos nos expressar e acessar diferentes sentimentos e emoções.

Já a pesquisa da minha outra colega Mariana, achei fascinante o momento em que numa reunião ela apresentou informações sobre o contexto em no Brasil produzimos muito, mas a maioria desta produção vai "*in natura*" para o exterior. Ela mostrou que o Brasil é um dos países que mais exportam alimentos do mundo! Todas as pesquisas me ajudaram a entender sobre diferentes aspectos da nossa sociedade.

Considerações finais

Em que pese o estranhamento inicial, a experiência de interação dos projetos de iniciação científica em evidência tem proporcionado uma riqueza de aprendizados mútuos, inclusive para o professor orientador. Não se criou uma forma específica de condução, apenas acontece interações e provocações ao debate. De forma orgânica, aponta-se relações entre as pesquisas, assim como também com os aspectos cotidianos da vida. Percebe-se com os relatos que a reflexão também se transformou em contemplação, sem por isso romantizar as dificuldades inerentes ao processo de produção de conhecimento.

Entende-se que este processo não se enquadra como mera formação de recursos humanos para o mercado de trabalho, pois a prioridade estabelecida é de priorizar construção dos saberes para uma formação emancipadora que leve em conta não só o mundo do trabalho, mas as transformações pessoais e coletivas em torno do pensar/agir/transformar no/com o/mundo. Neste sentido, o enredamento da cultura como elo de união contribui para rever práticas e promover hábitos e formas múltiplas de pensar, sentir e perceber o mundo.

Nota-se, involuntariamente, a existência de uma prática de extensão indireta, distante da formalidade de eventos científicos. As informações das pesquisas são compartilhadas com amigos e pautadas em intervenções (comentários) em sala de aula, exercendo influência junto às/aos familiares e sobre o próprio comportamento, pautando uma forma de ser e existir que molda a realidade que se cerca.

Mas afinal, o que o que acontece em encontros de orientação de pesquisa que reúne um professor economista e estudantes de engenharia agrônômica, pedagogia e serviço social? Uma experiência acadêmica enredada por culturas.

Referências

BOULOS, Guilherme Castro. **Por que ocupamos?** Uma introdução à luta dos sem-teto. São Paulo: Scortecci, 2012.

MICHELOTTI, Fernando; SIQUEIRA, Hipólita. Financeirização das commodities agrícolas e economia do agronegócio no Brasil: notas sobre suas implicações para o aumento dos conflitos pela terra. **Semest. Econ.**, Medellín, v. 22, n. 50, p. 87-106, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-63462019000100087&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mai. 2025.

MOREIRA, Vanessa Erika; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como construção social. **Revista Formação**, v. 2, p. 48-60, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.33081/formacao.v2i14.645>>. Acesso em 03 mai. 2025.

PEDRAJA-REJAS, Liliana; RODRÍGUEZ-PONCE, Emílio; LABRAÑA, Julio. ¿Qué sabemos de la cultura académica? Revisión del concepto en la literatura en educación superior. **Educação e Pesquisa**, v. 48, e240831, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3NhmCFsVLtfp63YpgKFhjtG/>>. Acesso em 01 mai. 2025.

ROLNIK, Rolnik. Planejamento Urbano nos Anos 90: novas perspectivas para velhos temas. In: RIBEIRO, Luis César Queiroz; SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos. (Org.). **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana** - O futuro das cidades brasileiras na crise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

Recebido em 15 de setembro de 2024
Aceito em 10 de novembro de 2025